



CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais

www.ciari.org

Guerra

17/10/2003

Maria Miguel Sousa Galito
Doutoranda em Ciência Política e Relações Internacionais

Introdução

A vida é cíclica e a História mais ou menos repete-se. E se o ser humano é um poço de energia que, noutros tempos, era essencialmente liberto no campo de batalha, a civilização tem procurado formas (bem sucedidas) de a reciclar de forma mais produtiva.

Mas a vida stressante dos tempos modernos pressiona o animal humano ao seu limite, comprometendo o seu autocontrole levando-o a tomar atitudes, dentro da comunidade, mais próximas da guerra que da paz; porque unilaterais e condenáveis pela sociedade, através da educação, do costume, das leis. Obrigando a uma vida em Paz Armada, em que o homem adora “combater”, para contar histórias sobre como venceu o perigo.

Guerra

Não se sabe ao certo se a guerra é intrínseca à natureza humana ou se é fruto do seu comportamento. Mas o humano é animal sofisticado; animal que aspirou à transcendência, sentiu suas asas derretidas por Darwin, soube contrariar fim igual a Dédalo por se teimar superior aos instintos primários que ludibriou ao longo de séculos, transformando lince em gatos domésticos, cujas garras, porém imprevisíveis, se lançam ao pescoço do dono sem muito darem por isso; isto porque, em crises quotidianas ou de conflito armado mais ou menos evidente, a natureza rebela-se proporcionalmente à pressão exercida sobre a biologia. O mundo artificial, hoje em dia mais célere e mutante, nunca deixou de exigir passo maior que a perna a uma espécie curiosa e acutilante, camaleónica, sobrevivente nata, mas ainda assim sujeita a efeitos secundários, nem sempre visíveis no imediato; porque exigimos demasiado a um ser que insiste em se superar mil vezes; ainda animal, como os adultos continuam crianças grandes; todos diferentes, ultrapassados em número enfiados num planeta que se tornou pequeno para tanta ambição¹.

Porque somos muitos, quase passámos de símios a formigas, mas nem estas são máquinas nem pertencem a um único formigueiro. Isto é, as emoções podem ser controladas mas não anuladas, qualquer que seja o contexto; se um esforço racional pode circunscrever a violência – através da educação, leis, acordos internacionais – o Vesúvio não é vulcão extinto. Debaixo da superfície é magma revolto pela ansiedade, fúria, desespero ou exaltação; pode tomar a forma de movimentos legais e supostamente pacíficos ou desembocar em desobediência civil, golpes Militares ou de Estado, revoluções que gelem as relações infraestaduais ou até interestaduais ao ponto de explodir nos horrores, respectivamente, de uma guerra civil ou duma guerra internacional. A tensão existe. Aliás, atendendo ao que se passa no mundo, é mais de estranhar o sucesso da maioria em nome da estabilidade do que o simples desequilíbrio de forças, evidente em países como a Colômbia. O problema é que a guerra tem sido, ao longo da História, uma das formas mais eficazes de

¹ «Dadas as pressões da supertribo, dada a superlotação global da nossa espécie e dadas as desigualdades no progresso das diferentes supertribos, há poucas esperanças de que as nossas crianças cresçam sem saber o que é a guerra. O animal humano cresceu demais para as suas botas de primata.» [Desmond Morris, *O Zoo Humano* (Torres Vedras: Publ. Europa-América,1969), pp. 37].

libertar tensões, unindo grupos de pessoas contra uma ameaça exterior; em nome da sobrevivência – de pelo menos um dos grupos e/ou o que representa.

Uma vez que os recursos à disposição do ser humano sempre foram escassos, de uma forma ou de outra, a guerra permitia controlar a expansão demográfica em nome de uns quantos (os melhores) que conseguiam bastar-se com o que havia na natureza. Ainda hoje, o princípio se mantém, embora o comportamento humano tenha acompanhado a evolução civilizacional. A própria maneira de fazer a guerra o retracta. Assim, nos tempos idos, a comunidade obrigava os homens a provar regularmente as suas capacidades; a guerra fazia parte dessa instrução; quem não aguentava o ritmo de exigência era liminarmente eliminado; os mais capazes chegavam a chefes; a sociedade continuava a pressioná-los, cantando-lhes as façanhas de heróis; quem aspirasse a um tal destino, tinha de lutar sempre e na primeira linha de combate; se fossem efectivamente bons, sobreviveriam; se não o fossem ou a balança do destino marcasse a sua hora, morreriam pelos seus homens e pela honra, aspirando à imortalidade – recorde-se que Aquiles preferiu morrer jovem e glorioso a perecer velho mas incógnito, o só exequível num palco de guerra. Assim, o homem, já que tinha de enfrentar a morte – uma inevitabilidade da vida – aspirava perecer em batalha; um Viking só era levado pelas valquírias para Valhala (paraíso de Odín) se expirasse com a sua espada na mão.

Quando a população aumentou exponencialmente e os exércitos cresceram, o general recuou a sua posição no tabuleiro de xadrez, líder de uma hierarquia mais complexa. Perdemos uma estrutura quase atomista constituída por nobres, ganhámos um todo com várias divisões internas. Como um corpo nada é sem cabeça, o general deixou de ser o primeiro a morrer na defesa dos seus homens e a sua vida passou a ser protegida pelos seus soldados; afastando-se do combate corpo a corpo, passou a pensar mais em função de fins independentemente das baixas, por ser mais fácil perder a noção de que *lá à frente é que se dá o corpo ao manifesto*. E a população, com sede de vitórias, apercebia-se menos do sofrimento dos seus soldados. Os políticos invocavam interesses políticos em nome de uma acção agressiva contra a ameaça exterior. Talvez nas sombras desta (nova) postura, a natureza ainda teimasse em reequilibrar-se, empurrando o animal humano para o controlo demográfico, necessário ao *ecossistema*.

Mas a guerra não é apenas um acto político de fins racionais²; nem sempre os motivos são claros e grande parte dos soldados alistados – talvez por ideais nacionalistas, um argumento que costuma convencer – em especial em grandes e complexas estruturas militares, acaba por distanciar-se do suposto motivo político que guia os seus superiores, perdendo a noção *do porque está a lutar*, se é que alguma vez soube! O que a História parece demonstrar é que, sempre que se defendeu a guerra como acto político, os maiores exageros ocorreram; e não me refiro apenas a tempos mais recentes, quando homens como Clausewitz afirmaram a guerra como acto de violência levado às derradeiras consequências, rejeitando princípios de moderação na filosofia da guerra; já antes com Júlio César, por exemplo, os gauleses

² A guerra: «Se não tem a sua origem nos sentimentos, pelo menos reage, mais ou menos de acordo com eles, e a intensidade desta reacção depende, não do grau de civilização, mas da importância e duração dos interesses em causa.» [Carl Von Clausewitz, *Da Guerra*, tradução de Inês Busse (Mem Martins: Publ. Europa-América, 1997), Livros de bolso, n.º 330, pp. 31].

havam sucumbido aos milhares por um homem ter inventado uma guerra, dispondo-se a tudo para a vencer em nome da sua ambição política. Mas actualmente, com a mudança de valores, a racionalidade quiçá refreei mais o impulso bélico dos Estados, que o contrário. A própria Europa, fustigada durante séculos, reclamou um basta em meados do século XX, ponto em prática um plano especialmente bem sucedido, defendendo a vida, a liberdade e o pluralismo, os que, uma vez salvaguardados, minam a tendência para o conflito armado.

O ser humano parece querer esquecer que a morte faz parte da vida. E se esta vem, deseja-a tranquila depois de uma vida longa e feliz. Precisamente o oposto que o épico Aquiles? Bom, não exactamente. A busca pela fama parece tão forte como nos tempos idos; e os meios de comunicação vendem a ideia de ser possível conjugar os dois desejos. Já é mais discutível é plausível na prática – Aquiles todos conhecem, nem que seja pelo calcanhar; os heróis actuais são mais efémeros, por a memória esgotar-se a tentar lembrar tão grande lista de (supostos) famosos; e acaba por esquecê-los. Mas se a fama é fugaz, a vida pode ser longa. Em muito o garante o progresso da Medicina. Logo, é difícil encontrar argumentos que convençam a opinião pública – sobretudo ocidental – a aceitar enviar homens para uma morte certa. Veja-se o exemplo recente das colossais manifestações contra a intervenção no Iraque e nem todos partilhavam iguais costumes ou modelos educativos. É importante perceber que hoje em dia as pessoas se manifestam regularmente contra a guerra por a morte parecer fazer mais parte da essência da guerra do que do nosso quotidiano supostamente pacífico.³

Se a razão maior porque uma pessoa evita arriscar a vida numa represália é por temer perecer (ou ser severamente castigado) tentando-o, a maioria prefere a paz à guerra pelo risco que comporta para si e para os seus. É certo que em Portugal, por exemplo, o cancro e os desastres de automóvel têm feito mais mortes que a guerra colonial, mas o averso ao risco da teoria económica também gasta mais ao fim do mês a apostar diariamente na *raspadinha* (sem retorno) do que se comprasse um telemóvel, mas convence-se do contrário por o ameaçar menos despender aos poucos que tudo de uma vez. O ser humano tem destas coisas e a postura da opinião pública reflecte-o. Tanto que a Europa do pós 2ª Guerra Mundial, nega frontalmente o recurso à guerra; o que a fragiliza perante as potências mundiais que aceitam o risco de sacrificar o bem-estar de alguns em nome da maioria; e investem numa política de defesa e segurança que, na medida do (im)possível, as defenda; ou, aliando as duas coisas, investindo num programa nuclear. Afinal, segundo Garnett, a política dos estrategistas de dissuasão nuclear baseia-se no facto de uma guerra nuclear ter consequências tão nefastas que ninguém ousará combater desta forma; Hiroshima testemunha dor e efeitos secundários, quando o Japão da altura não podia retaliar.⁴ Mas agora, com o perigo evidente da proliferação das armas nucleares, o Mito da Atlântida já espreita.

Querendo evitar piores cenários, e ainda que mundo sem conflitos armados seja utopia, os países incentivam a confiança entre cidadãos (base que consubstancia a sociedade) e

³ Excluo aqui os barris de pólvora que existem noutros quotidianos espalhados pelo mundo, como na Birmânia, Libéria, Nigéria, Birmânia, em que, definitivamente, o dia-a-dia é consideravelmente instável.

⁴ John Garnett, “The causes of War and the Conditions of Peace”, in John Baylis et al (eds.), *Strategy in the Contemporary World* (Oxford: Oxford University Press, 2002), pp. 68.

investir na paz (armada?). E se a energia que patrocinava a arte bélica continua presente, há que redireccioná-la para outros fins. Nesse sentido, o ser humano enfia a cabeça no trabalho, que tem a vantagem de ser competitivo mas também produtivo, e de impulsionar o progresso técnico, económico e social. Mas como lhe gera infinitas dores de cabeça, entra em depressão com tanto stress. Para o evitar, devota-se ao desporto; até porque, enquanto ser, precisa fazer exercício físico; e eleva a adrenalina sem, tanto quanto possível, descambar em violência física e psicológica, possível através de regras estabelecidas previamente. O desporto gere milhões, em capital e pessoas, talvez por ser menos artificial que o trabalho e, nesse sentido, uma melhor *máscara de guerra*; pelo que o desporto é mais uma continuação do espírito guerreiro que o oposto, como defende Creveld⁵; e pode não satisfizer um universo de tensões mas ajuda a descomprimi-lo, tendo sido inventado e desenvolvido com esse propósito. Ainda assim, pode não ser suficiente.

O humano, transparente na guerra, disfarçado na paz, pode surpreender os incautos sempre que *exige sangue*; nem precisa participar, basta não se importar de assistir, torcendo pela forma como alguém se defende em circunstâncias adversas. Ora, na Idade do Ferro os duelos entre nobres eram testemunhados pelos demais dos dois exércitos⁶; no Império romano com um palco de guerra maior, com soldados e estratégia, o espectáculo de massas entrou para o coliseu, onde multidões de fanel assistiam a lutas de morte entre gladiadores; hoje em dia, no cinema com “resgate do Soldado Ryan” (comendo pipocas) ou ao jantar com o telejornal sobre a guerra no Iraque, fazemos pouco menos que o mesmo. Porém, resistimos à comparação. Porque o mundo é para nós, não uma janela, mas um espelho em que melhor vemos a nossa imagem (ideal) reflectida.

A civilização actual parece ter apostado na criatividade para libertar tensões, já que condena ou apagou da memória rituais (sobretudo de índole religiosa) muito antigos, nos quais a sociedade visava controlar os excessos da natureza humana, cedendo absolvê-los num período muito circunscrito. Entre os indo-europeus, por exemplo, no final de cada ano, tudo era permitido aos membros da comunidade durante uns dias, antes das libações finais que purificavam a entrada do novo ano com a Primavera – antes do nascimento de Cristo, o primeiro mês era Março – precisamente o que está na génese das *Fébruas* celebradas em Fevereiro – o mês das purificações (Februo). No nosso tempo resta-nos um herdeiro aproximado: o rei do disfarce e da crítica social, já que (supostamente) *ninguém leva a mal em tempo de Carnaval*.

⁵ «Em relação à Guerra (...) é a continuação não da política mas do desporto.» [Martin Van Creveld, *The Transformation of War* (New York: The Free Press, 1991), pp. 191].

⁶ A noite suspende o duelo entre Heitor e Ajax: «Tendo dito, ele [Heitor] deu a sua espada cravejada de prata, com bainha e o boldrié bem talhado; Ajax deu o seu cinturão, brilhando de púrpura. Depois, separando-se, um caminhou para as tropas aqueias, o outro dirigiu-se para a multidão de troianos; estes rejubilaram de o ver regressar vivo.» [Homero, *A Ilíada*, tradução de Cascais Franco (Mem Martins: Publ. Europa-América), Livros de bolso, n.º 306, pp. 107].

A não ser que se recorra ao homicídio. Este distingue-se da guerra⁷, porque o homicídio é unilateral e o combate bilateral; mas mesmo nos países com a institucionalização da pena de morte, é justificada em nome do bem-estar comum e tão só como punição máxima contra crimes de extrema gravidade. Como o homicídio é talvez o verso da medalha do suicídio⁸, os mais fracos, incapazes de uma integração harmoniosa no grupo e de se vingarem contra a repressão exterior, de se livrarem dos seus fantasmas (inclusive os resultantes dos excessos na guerra, que a sociedade em paz condena) acabam por virar-se contra si próprios. Não sendo eliminados por nada nem ninguém (como o seriam em épocas mais remotas), eliminam-se; quer a sociedade se disponha ou não a perdê-los, porque a natureza não perdoa. Há quem encontre um significado para a própria vida combatendo; sob a forma de terrorismo, às margens da sociedade mas sem ainda ter saído dela; outros, alistando-se no exército, em nome de um ideal – quem não quer ser herói? – ou de um nada que o convença a permanecer vivo.

Duas faces da mesma moeda eram também Roma (Marte) e Amor (Vénus); não admira que o grande império romano partilhasse a ideia de Creveld: de haver guerra por *os homens amarem combater*⁹, uma vez que é, «(...) de todas as actividades humanas, a mais espectacular, a mais intensa, e a mais excitante. Mais importante ainda, é a única em que não há regras, não há restrições artificiais na quantidade de força a ser usada e nos meios que podem ser usados»¹⁰. E se a guerra pode ser mascarada de muitas maneiras e, como tudo hoje em dia, envolvida por uma certa artificialidade, jamais deixará de ser visceral. E vencê-la, um êxtase triunfal¹¹. Porque se superou o perigo; um dos fundamentos da guerra – que nem sempre se vê e muito se sente; porque se correu um risco mortal na desordem política, económica e social; tanto que é costume dizer-se que na guerra todos perdem; é politicamente correcto, mas não unânime; ninguém gosta de perder, nem a feijões! E a História lista os nomes dos vencedores, pelo que há-de havê-los. Logo, o perigo não é completamente dissuasor; nem hoje em dia.

A guerra é um jogo (mortal). Sem incerteza não há guerra; é condição para a sua existência, mais que sua característica. Depois, é preciso lutar contra um adversário; premissa base – que tudo o mais, incluindo a estratégia e a logística, surgem em função de vencê-lo. O

⁷ «(...) não consiste simplesmente numa situação em que uma pessoa ou grupo condena outro à morte, mesmo que a morte seja organizada, aplicada por um motivo, e considerada legal; ao invés disso, começa no momento em que a pena mortal infligida se torna numa actividade recíproca conhecida por combate» [Martin Van Creveld, *The Transformation of War* (New York: The Free Press, 1991), pp. 160].

⁸ «A incidência de suicídios decresce em tempo de guerra. (...) São exactamente as inibições que impedem o suicida potencial de matar as pessoas que o dominam e frustram que o levam a redirigir a sua violência. É preciso escolher entre matar um bode expiatório menos intimidante ou matar-se a si mesmo. (...) O suicídio e o homicídio estão estreitamente ligados. Até certo ponto, trata-se das duas faces da mesma moeda» [Desmond Morris, *O Zoo Humano* (Torres Vedras: Europa-América, 1969), pp. 82].

⁹ O general norte-americano, George Patton, dizia no seu discurso de 5 de Junho de 1944: «Os americanos amam combater, tradicionalmente. Todos os verdadeiros americanos amam o barulho da batalha.» [George Patton, *General Patton's Address to the Troops* (Right Wing News, 2001-2003), pp. 1, <http://www.rightwingsnews.com/speeches/patton.php>].

¹⁰ Martin Van Creveld, *Military Strategy for an Era of Transition* (New York: The Free Press, 1994), pp. 269.

¹¹ Sila é aclamado imperador: «(...) aquela fora a sua primeira grande vitória como comandante-chefe. E que vitória! O sangue dos homens que matara pingava-lhe pela armadura abaixo e a espada colava-se-lhe à mão direita por causa do sangue que entretanto coagulava; (...) Im-pe-ra-tor! Os soldados gritaram esse título até ficarem roucos. Aquele era o triunfo máximo: o vencedor aclamado imperador no campo de batalha.» [Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma* (Lisboa: Difel, 1991), vol. II, pp. 708].

oponente é imprevisível, ainda mais antes de estudado – à distância ou por espiões – facto que nos pode empurrar a combatê-lo sem ter escolhido o melhor momento para fazê-lo, o que tem efeitos secundários. Como no ganhar não há empates, há que enfrentá-lo com garra e determinação. Depois, é de todo preferível que o inimigo não seja fraco demais; ninguém gosta de bater no ceguinho, não há glória nenhuma nisso; e não justifica uma intervenção contra ele, pois, se não nos pode ameaçar, porque o combatemos? E o humilhante que seria perder com quem não nos chega aos calcanhares! Perder-se-ia a autoconfiança em futuras campanhas. Mas mesmo que seja mais fraco, não pode parecê-lo. Pelo que é comum espalhar notícias sobre a péssima reputação do inimigo; assusta a comunidade e estimula o exército a querer vencê-lo.¹²

Por outro lado, e em grande medida nas guerras que precederam o século XX – porque depois a guerra mudou de filosofia, com armas mais certeiras e rápidas, sem contar com o efeito imediato e arrasador das armas de destruição maciça – as tropas costumavam apresentar-se ao inimigo, num espectáculo barulhento, de cores garridas e música medonha, de preferência capazes de desanimar o adversário e minar-lhe a capacidade de resposta. É verdade que cão que muito ladra não morde, mas os gritos de guerra, as pinturas e toda a parafernália envolvente, por infantis que possam parecer, costumavam obter resultados¹³; pois, como os miúdos com piercings e tatuagens costumam assustar outros miúdos que, ao pé deles, pareçam meninos de coro, a batalha às vezes nem começava; adiava-se, depois dos exércitos se avaliarem um ou outro e decidirem dar meia volta. Outras vezes, desassossejavam as hostes mas a batalha tinha lugar na mesma; e o resultado final não tinha porque deixar de ser uma incógnita; se o mosquito assusta menos que o leão, pode ser mais letal – logo, não se deve sobrestimar nem superestimar o adversário, mas sempre suspeitar dele, porque o *longe da vista, longe do coração* pode fazer-nos negligenciar perigo não evidente. Depois, há que levar em conta a logística e a estratégia adversárias, pois Césares costumam vencer mais guerras que Vercingetorixes. Uma frente unida, flexível perante as situações e organizada na investida, resiste melhor à adversidade ou à morosidade do conflito. A desvantagem numérica não tem porque ser crítica; veja-se que o exército de Crasso venceu o de Espártaco por este, apesar de superior em força, ser desorganizado e arrastar consigo civis, muitos deles não armados.¹⁴

Para o bem e para o mal, de um lado e doutro da batalha estão seres humanos, o que em si, constitui a maior vantagem e a maior desvantagem de qualquer exército. E se tanto os

¹² «(...) mas eles são animais, *animais*. São criados para a guerra. Todos os gauleses bebem o sangue do primeiro homem que matarem em batalha. (...) Cortam a pele das cabeças e vestem-nas. Como nós faríamos com couro, e penduram-nas nos freios dos seus cavalos. Ora, qualquer soldado romano preferia cair sobre a sua espada do que ser capturado pelos gauleses» [Ross Leckie, *Cipião, O Africano – O Homem Que Ajudou a Construir o Império Romano* (Mem Martins: Lyon Edições, 2000), pp. 136].

¹³ Diz-nos Lévêque a propósito dos povos indo-europeus: «Mascarado, armado, o guerreiro aterroriza também o adversário por meio de injúrias, proclama em voz alta a sua linhagem (é o caso dos heróis da Ilíada), a sua força, as capacidades que a si se atribui (assim os guerreiros de Argos às portas da cidade dos *Sete contra Tebas*), e, à maneira dos soldados da China tradicional, faz caretas» [Pierre Lévêque, *As Primeiras Civilizações* (Lisboa: Edições 70, 1990), Vol. III, pp. 62-63].

¹⁴ «Espártaco tem um grande peso sobre os ombros. Tem de arrastar consigo as famílias e os bens pessoais dos seus soldados. O que tu estás a ver, Múmio, não é um exército: é um povo sem pátria.» [Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma* (Lisboa: Difel, 1994), vol. III, pp. 929].

cobardes como os corajosos têm uma coisa em comum – o medo¹⁵ – apenas os corajosos, ao contrário dos cobardes, o superam¹⁶. O melhor é reunir forças e lutar, com disciplina e autocontrole¹⁷. Mas é mais fácil falar, que a ferocidade sente-se a cortar a pele, a entranhar-se pelas narinas, a esguichar para o rosto; e o inimigo cresce em tamanho, pela sua crueldade real ou por, actos iguais aos nossos, nele parecerem piores. Os veteranos resistem melhor. Há quem não aguente, reconhecendo os limites do que lhe é possível, por muito que a esperança seja a última a morrer. A necessidade não conhece fronteiras. Quem ama a vida é capaz de renegar a tudo, inclusive à honra pessoal. Foge para longe e esconde-se, porque se o apanharem será castigado, não às mãos do inimigo, mas dos seus. A indisciplina militar não costuma ser perdoada pelos generais. Quem foge é considerado traidor, por ousar pôr em perigo o exército – em especial se for uma debandada massiva. A impreparação militar (por serem milicianos, por exemplo), a falta de experiência em batalha ou a extrema juventude¹⁸ não desculpam o acto e o castigo é aplicado sem dó nem piedade¹⁹.

A guerra não deve prolongar-se. Um soldado, por mais que ame combater, tem limites de paciência – para aguentar o seu sofrimento mas também o do adversário²⁰, estar longe da família ou aturar ordens sobre tudo quanto pode e não pode fazer. Com o tempo, é mais passível de exageros, que muito acontecem nas pilhagens.²¹ Ao atacar um território –

¹⁵ «“Eu é que sou seu prisioneiro, ou ele é que é o meu?”, pensava cada qual. (...) mas por cima dos ombros cruzou uma bala assobiando, e isto fez com que afrouxassem o ímpeto. O francês correu à bateria, ao passo que Pedro descia o cabeça tropeçando nos mortos e feridos e julgando, no seu pavor, que eles se lhe agarravam às abas da casaca.» [Leão Tolstói, *Guerra e Paz* (Lisboa: Verbo, 1990), pp. 165].

¹⁶ Heitor para Aquiles: «Já não fujo de ti, filho de Peleu, da maneira como, há pouco, corri três vezes em torno da grande cidade de Príamo, sem ousar esperar a tua vinda. Agora o meu coração impele-me a erguer-me diante de ti; talvez te domine, talvez seja dominado.» [Homero, *A Ilíada*, traduzido por Cascais Franco (Mem Martins: Publ. Europa-América), Livros de bolso, n.º 306, pp. 313].

¹⁷ «Os nossos sentidos ficam tensos, adaptam-se, apuram-se, até se tornarem impermeáveis a tudo o mais; no momento do embate, noções de “porque” ou “em função de” perdem-se enquanto corpo e mente lutam por conseguir a concentração mais absoluta essencial à sobrevivência.» [Martin Van Creveld, *The Transformation of War* (New York: The Free Press, 1991), pp. 158].

¹⁸ Demasiado jovens? «Isso normalmente é uma vantagem. (...) Que sabe uma pessoa aos dezassete, dezoito anos? Com essa idade, não temos preocupações nem com esposa, nem com filhos. A juventude é turbulenta, precisa de uma saída para os seus impulsos violentos. E, para isso, a guerra é preferível ao vinho, às mulheres, às rixas nas tabernas – na guerra, pelo menos, o Estado extrai deles algo que lhe é útil.» [Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma* (Lisboa: Difel, 1994), vol. III, pp. 932].

¹⁹ Dizimação: «(...) desde que entraram para o serviço militar, no início deste ano, fugiram sempre do campo de batalha onde, pelo contrário, deveriam combater. E agora, na sua última debandada, cometeram o pior dos crimes de um soldado – abandonaram as suas armas e armaduras no campo, deixando-as à disposição do inimigo. Nenhum deles merece viver (...) Reduzidos a catorze fracas coortes, os desgraçados que sobreviveram engoliram o medo e o orgulho e só pensavam em tornar-se os legionários que Crasso exigia.» [Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma* (Lisboa: Difel, 1994), vol. III, pp. 933-935].

²⁰ Príamo roga a Heitor: «(...) vem para dentro dos muros, meu filho, a fim de salvars os troianos e as troianas, de não proporcionares uma grande vitória ao filho de Peleu, de não perderes tu próprio a doce existência. Compadece-te também da minha desgraça, de mim que ainda conservo todo o meu senso; um infelizmente que o Pai, filho de Crono, no limiar da velhice, fará perecer numa desgraça medonha, depois de ter visto tantos males, as minhas filhas arrebatadas, os meus aposentos devastados, os netos arremessados contra o solo, numa terrível carnificina, e as minhas noras arrastadas pelas mãos funestas dos Aqueus.» [Homero, *A Ilíada* (Mem Martins: Publ. Europa-América), Livros de bolso, n.º 306, pp. 309].

²¹ «Com as suas fardas rotas, extenuados, reduzidos a um terço do seu primeiro efectivo, os soldados inimigos fizeram, todavia, em ordem a sua entrada na cidade. Mas quando se distribuíram pelas residências desertas,

porque o conflito armado está estritamente ligado à defesa/conquista de um espaço físico – a personalidade liberta-se das barreiras sociais, sobrepondo-se ao carácter modelado pela educação e pelos costumes. Se a personalidade divergir em muito do carácter, o animal humano pode surpreender (ou até chocar!) se, por na guerra ser difícil assegurar quem fez o quê, atirar a responsabilidade dos seus actos insanos sobre o grupo²². Enfim, a vida em sociedade é Paz Armada. A guerra é vida escrita em sangue.

Quando a guerra acaba, o soldado tenta reintroduzir-se na ordem que deixara para trás. Sente alívio por ainda se conservar vivo; resta saber com que cicatrizes! Segue-se uma avaliação retrospectiva. Afinal, se não é preciso lutar para se ser homem, por vezes, para se ser homem é preciso lutar. Se o concluir, de certa forma achou que o esforço valeu a pena. Nessa base, escrevem-se memórias; antes cantavam-se feitos heróicos, surgiam os mitos. Coleccionam-se objectos que não teriam valor noutras circunstâncias – o valor das coisas somos nós que lhe atribuímos – como armas, medalhas de mérito e bandeiras – que servem de relíquias e acompanham as histórias que se contam aos filhos, aos netos, e espera-se, passem de geração em geração. É o descanso do guerreiro. Até à próxima batalha.

Conclusão

A guerra é bilateral e mortal, envolta em perigo. Ataca-se um inimigo. Pelo seu carácter devastador, a civilização prefere canalizar as suas energias no sentido da paz. Curiosamente, a História, de uma forma ou de outra, teima em repetir os mesmos erros. O animal humano, insaciável e curioso, é um cabo de alta tensão; a sua energia, muito embora redireccionada para actividades mais produtivas, acaba por extravasar os limites das regras em sociedade. O que, em certa medida, se explica por a evolução da civilização ter sido mais rápida que a biologia. Talvez a guerra nunca deixe de existir, pelo menos enquanto o homem amar combater. A guerra é vida escrita em sangue. A sociedade é Paz Armada, insistindo em resistir.

Bibliografia consultada:

- ✓ Carl Von Clausewitz, *Da Guerra*, tradução de Inês Busse (Mem Martins: Publ. Europa-América, 1997), Livros de bolso, n.º 330, pp. 29-306.
- ✓ Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma* (Lisboa: Difel, 1991), vol. II, pp. 21-1032.
- ✓ Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma* (Lisboa: Difel, 1994), vol. III, pp. 39-1072.
- ✓ Desmond Morris, *O Zoo Humano* (Torres Vedras:Europa-América,1969), pp.9-282.
- ✓ George Patton, *General Patton's Address to the Troops* (Right Wing News, 2001-2003), pp. 1-4, <http://www.rightwingsnews.com/speeches/patton.php>.

deixaram de existir como exército e o militar desapareceu para dar lugar ao gatuno.» [Leão Tolstói, *Guerra e Paz* (Lisboa: Verbo, 1990), pp. 180].

²² Friedrich Nietzsche já dizia: «A loucura é excepção nos indivíduos mas a regra nos grupos.» [John Garnett, “The causes of War and the Conditions of Peace”, in John Baylis et al (eds.), *Strategy in the Contemporary World* (Oxford: Oxford University Press, 2002), pp. 80].

- ✓ Homero, *A Ilíada*, tradução de Cascais Franco (Mem Martins: Publ. Europa-América), Livros de bolso, n.º 306, pp. 11-355.
- ✓ John Garnett, “The causes of War and the Conditions of Peace”, in John Baylis et al (eds.), *Strategy in the Contemporary World* (Oxford: Oxford University Press, 2002), pp. 66-87.
- ✓ John Keegan, *A History of Warfare* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1993), pp.3-24.
- ✓ Leão Tolstoi, *Guerra e Paz* (Lisboa: Verbo, 1990), pp. 5-235
- ✓ Martin Van Creveld, *The Transformation of War* (New York: The Free Press, 1991), pp. 157-191.
- ✓ Michael Howard, “War and Social Change”, in *The Lessons of History* (Oxford: Oxford University Press, 1993), pp. 166-176.
- ✓ Pierre Lévêque, *As Primeiras Civilizações* (Lisboa: Edições 70, 1990), Vol. III, pp. 9-155.
- ✓ Ross Leckie, *Cipião, O Africano – O Homem Que Ajudou a Construir o Império Romano* (Mem Martins: Lyon Edições, 2000), pp. 15-329.
- ✓ Sun Tzu, *A Arte da Guerra*, tradução de Ricardo Iglésias (Publ. Europa-América,), Livros de Bolso, n.º 367, pp. 48-123.